



AS CONTRIBUIÇÕES DA ENTREVISTA INICIAL PARA O PROCESSO DE PSICODIAGNÓSTICO¹

Jéssica Buthers Lima Ferraz Fraga²

RESUMO: O presente trabalho buscou identificar as contribuições da entrevista inicial para o processo de psicodiagnóstico. Os objetivos específicos ficaram assim delimitados: Verificar como é conduzido o processo de psicodiagnóstico; verificar como são organizadas as entrevistas iniciais do psicodiagnóstico; identificar os objetivos principais das entrevistas iniciais; identificar as técnicas e estratégias utilizadas pelos profissionais para condução das entrevistas iniciais; compreender em que medida as entrevistas iniciais podem ser identificadas como fatores-chave do processo de psicodiagnóstico. Para que os objetivos pudessem ser alcançados, foi realizada uma pesquisa qualitativa, envolvendo três psicólogos com experiência na condução de processos de avaliação clínica, que apresentavam uma média de 30 anos de formação no momento da entrevista, e três estudantes de psicologia, que estavam nos períodos finais do curso de graduação e que realizaram um psicodiagnóstico recentemente. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semidirigidas, a partir de um roteiro. As entrevistas foram gravadas em material de áudio e transcritas na íntegra para posterior análise, com a devida autorização dos entrevistados. Os resultados mostraram que, apesar de todas as etapas do processo de psicodiagnóstico serem importantes, as entrevistas iniciais foram apontadas como fator-chave pela maioria dos entrevistados. Estes mencionaram, ainda, que as entrevistas iniciais são a base do processo de psicodiagnóstico, pois elas norteiam sua condução. Além disso, percebeu-se que a entrevista inicial tem como papel acolher o cliente, possibilitar uma apresentação mútua entre os envolvidos no processo, bem como estabelecer o vínculo e a confiança entre estes.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista inicial; Psicodiagnóstico; Avaliação Psicológica.

1 INTRODUÇÃO

O psicodiagnóstico é um tipo de avaliação com propósitos clínicos, limitado no tempo, e que se utiliza de técnicas e testes psicológicos para uma avaliação integral do sujeito, que geralmente foi encaminhado por um terceiro (CUNHA, 2000). No contexto do psicodiagnóstico, as entrevistas iniciais, que caracterizam o primeiro passo do processo, têm como principais objetivos conhecer o motivo da busca pelo atendimento, conhecer a história de vida do cliente e estabelecer o contrato terapêutico, isto é, as condições em que o trabalho será desenvolvido. Além disso, vale destacar que a entrevista inicial pode ocorrer em uma sessão ape-

¹ Uma versão ampliada deste trabalho foi apresentada como requisito parcial de conclusão do curso de Psicologia pela Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Orientado por Liza Fensterseifer, doutora em Psicologia pela PUC Rio Grande do Sul, professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas - Unidade São Gabriel.

² Bacharel em Psicologia.

nas, assim como pode acontecer em mais de uma sessão (ARZENO, 1995). De acordo com Ocampo e Arzeno (2001), a entrevista inicial é um instrumento fundamental no processo de psicodiagnóstico, pois o psicólogo clínico colherá informações sobre o motivo da procura pelo atendimento, fará observações, estabelecerá o *rapport* com o cliente e colherá informações importantes sobre sua história de vida. A partir desta coleta de dados é que o profissional é capaz de levantar hipóteses iniciais e traçar os objetivos da avaliação clínica, o que é decisivo para o planejamento do plano de avaliação, com definição dos instrumentos a serem utilizados. É neste cenário – das entrevistas iniciais do psicodiagnóstico – que será desenvolvido o presente estudo, uma vez que através de experiências acadêmicas foi possível perceber a importância da entrevista inicial, tanto no processo de psicodiagnóstico, quanto em outros contextos de avaliação psicológica e até mesmo na própria psicoterapia.

Pensando especificamente no psicodiagnóstico, alvo do presente estudo, também parece importante mencionar o caráter preventivo que este pode ter, desde que bem conduzido, o que tem relação, também, com a adequação das entrevistas iniciais. Um processo de psicodiagnóstico bem conduzido pode promover a indicação de um projeto terapêutico adequado para dado sujeito, o que poderá evitar a acentuação de determinado problema. Para isso, é preciso realizar uma coleta de dados consistentes sobre o sujeito, isto é, entrevistas iniciais adequadas, uma vez que é através delas que o psicólogo conhecerá a história de vida do cliente, seu problema atual, entre outros dados importantes que contribuirão para a definição das técnicas utilizadas no decorrer do processo e para a definição de um diagnóstico acertado.

Este trabalho teve, então, como objetivo geral, identificar o papel da entrevista inicial no processo de psicodiagnóstico. Os objetivos específicos foram: verificar como é conduzido o processo de psicodiagnóstico; verificar como são organizadas as entrevistas iniciais do psicodiagnóstico; identificar os objetivos principais das entrevistas iniciais; identificar as técnicas e estratégias utilizadas pelos profissionais para condução das entrevistas iniciais; compreender em que medida as entrevistas iniciais podem ser identificadas como fatores-chave do processo de psicodiagnóstico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O processo de psicodiagnóstico

O processo de psicodiagnóstico refere-se a um dos mais importantes diferenciais do trabalho do psicólogo em relação a outros profissionais, pois quando bem realizado, ele pode ser tão terapêutico e esclarecedor para o cliente, quanto o próprio processo psicoterápico

(CARRASCO; POTTER, 2005).

A entrevista inicial, segundo Ocampo e Arzeno (2001), refere-se a uma entrevista semidirigida, pois o cliente tem liberdade para expor seus problemas da forma que preferir, tendo a intervenção do psicólogo para esclarecer informações e abordar temas relevantes para o processo, por exemplo. Para Carrasco e Potter (2005), opta-se pela entrevista semidirigida devido ao tempo restrito contratado com o cliente e com seus familiares ou responsáveis, tendo início, meio e fim bem delimitados. Vale ressaltar que a entrevista não deve ser entendida como distante, fria ou exploratória apenas. O cliente deve sentir-se atendido em sua demanda, ao mesmo tempo em que não pode se sentir invadido e o processo não pode ser desviado de seus objetivos iniciais. Para essas autoras, é justamente a utilização de entrevistas semidirigidas e de testes psicológicos que caracteriza e diferencia a atuação do psicólogo num processo de psicodiagnóstico e na psicoterapia.

A entrevista inicial é importante para que o psicólogo conheça o cliente de forma exaustiva e possa extrair dados para formulação de hipóteses, planejamento de bateria de testes e para que possa interpretar com precisão os dados dos testes e da entrevista devolutiva. Entretanto, Ocampo e Arzeno (2001) destacam que é recomendável começar a entrevista de forma mais diretiva, para que haja apresentação tanto do psicólogo, quanto do cliente, assim como para esclarecer questões relacionadas ao contrato terapêutico – esclarecimento do que é psicodiagnóstico, sigilo, formas de pagamento e duração das sessões, por exemplo. De acordo com Carrasco e Potter (2005), geralmente, o primeiro contato norteia o psicólogo quanto à escolha de testes e técnicas que serão utilizados no processo. Além disso, deve se dar destaque ao contrato, para que o cliente e seus responsáveis estejam cientes dos objetivos do processo de psicodiagnóstico.

No que diz respeito à aplicação dos instrumentos, Cunha (2000) destaca que sempre é preciso fazer uso de uma bateria de testes, que consiste em um conjunto de testes e técnicas incluídos no psicodiagnóstico para fornecer dados que confirmem ou não as hipóteses iniciais formuladas pelo profissional, atendendo, assim, ao objetivo do processo. Vale destacar que nenhum teste proporciona uma avaliação completa da pessoa, e que a aplicação de uma série de testes diminui a margem de erros. Daí a justificativa para o uso de uma bateria de testes. (EXNER apud CUNHA, 2000). Carrasco e Potter (2005) também afirmam que a escolha da bateria de testes em um processo de psicodiagnóstico deve atender às necessidades específicas de caso, obedecendo a critérios bem definidos. Assim, a escolha deve considerar idade, sexo, escolaridade e, principalmente, aquilo que se pretende avaliar.

Após o psicólogo ter aplicado a bateria de testes, é feita a integração de dados. Segundo

Arzeno (1995), nessa etapa o psicólogo deve se dedicar a tabular os resultados dos testes, classificar e interpretar as hipóteses levantadas para que suas conclusões sejam usadas e integradas ao restante do material coletado. Portanto, o psicólogo deve conseguir uma boa integração de tudo aquilo que foi registrado e observado ao longo das etapas realizadas. Ainda de acordo com a autora citada, a integração de dados coletados ao longo do psicodiagnóstico refere-se ao estudo detalhado tanto das recorrências, quanto das convergências que aparecem ao longo do processo, auxiliando, assim, no esclarecimento do caso. É preciso contextualizar as conclusões, considerando as condições econômicas, sociais e culturais do cliente.

A última etapa do psicodiagnóstico refere-se à entrevista de devolução, que para Carrasco e Potter (2005), diz respeito àquela na qual o psicólogo transmite às pessoas envolvidas a compreensão obtida ao longo do processo de psicodiagnóstico. Para a realização da entrevista de devolução sugere-se que haja um roteiro previamente definido, mas que seja suficientemente flexível para atender a demanda das pessoas envolvidas. Segundo Arzeno (1995), essa etapa pode ocorrer em uma entrevista apenas, assim como pode ocorrer em mais de uma entrevista. Na entrevista de devolução, o psicólogo explica aos participantes do processo de psicodiagnóstico sobre as conclusões extraídas ao longo dele. Em relação às pessoas que devem ter acesso aos resultados do processo, Cunha (2000) aponta que eles devem ser comunicados aos solicitantes e aos participantes do processo.

2.2 Entrevista inicial: conceito, objetivos e técnicas

Segundo Macedo e Carrasco (2005), a entrevista é um recurso importante e fundamental que o psicólogo utiliza em seu trabalho. A entrevista, quando estabelecida como uma situação de diálogo, pode ser um meio privilegiado de acesso ao outro, pois a partir da palavra criam-se as condições necessárias para que uma relação de ajuda seja constituída. Entretanto, a entrevista não é um instrumento exclusivo deste profissional, assim como não é limitada a uma área de atuação do psicólogo. Para essas autoras, a entrevista refere-se a uma técnica de conversação que tem como objetivo fundamental possibilitar que o psicólogo busque informações ou dados sobre seu cliente.

É possível perceber a presença da entrevista em diferentes áreas da psicologia. Por exemplo, de acordo com Wainer e Piccoloto (2005), na Terapia Cognitiva as sessões iniciais implicam em uma avaliação diagnóstica descritiva, que embasará o entendimento cognitivo e a construção do modelo teórico-explicativo referente ao caso, servindo, assim, de base para a escolha das estratégias terapêuticas que serão utilizadas ao longo da terapia. Os autores men-

cionam, ainda, que nas entrevistas iniciais é preciso estabelecer uma aliança terapêutica satisfatória, na qual a postura do terapeuta, sua expressão corporal, seu tom de voz e suas intervenções claras e não-impositivas poderão contribuir para proporcionar ao cliente um ambiente seguro, compreensivo e colaborativo para o processo psicoterápico. A partir das informações colhidas nas entrevistas iniciais, o profissional irá elaborar metas terapêuticas, baseadas em dados claros e abrangentes, referenciais teóricos precisos e expectativas realistas, dentro das possibilidades. Vale destacar que na terapia cognitiva, as entrevistas iniciais também seguem uma estruturação básica (WAINER; PICCOLOTO, 2005).

No que diz respeito à terapia familiar sistêmica, também é possível perceber a presença e o papel da entrevista inicial. Nesse tipo de terapia, Souza (2005) afirma que as entrevistas iniciais têm como objetivo iniciar o diagnóstico do cliente, através de um processo dinâmico e longitudinal, sendo preciso considerar aspectos socioculturais, étnicos, estágio do ciclo vital em que a família se encontra, adequação ou não-adequação ao mapeamento da estrutura familiar, avaliação dos subsistemas, alianças e fronteiras. Além disso, é importante perceber o estilo de funcionamento da família e analisar tanto o papel, quanto a relevância do sintoma para ela. Portanto, segundo a autora, nas entrevistas iniciais o terapeuta deve estabelecer empatia e confiança para que a família possa se expressar emocionalmente. De tal modo, através da observação da família em interação, o terapeuta poderá colher dados e organizá-los para basear suas intervenções e técnicas a serem utilizadas.

No contexto psicanalítico, segundo Gilliéron (1996), a entrevista inicial pode fornecer informações fundamentais sobre a personalidade do cliente, visto que é nesse contexto que ele se manifestará melhor. Assim sendo, o psicoterapeuta deverá ser capaz de localizar a problemática do cliente, bem como os pontos de referência que poderão ser utilizados pelo profissional para fundamentar a forma pela qual o cliente se comporta em relação ao contexto da entrevista. Esta permite ao profissional conhecer o modo de chegada do cliente ao tratamento, por exemplo, se foi ele quem decidiu, se foi encaminhado por outro profissional ou pelo conselho de alguém. Gilliéron (1996) afirma, ainda, que a entrevista inicial permite conhecer o tipo de relação que o cliente procura estabelecer com seu terapeuta e como suas queixas iniciais são verbalizadas, principalmente a forma pela qual o pedido de ajuda é direcionado ou não a este profissional.

No campo da saúde mental também é possível destacar o papel da entrevista inicial. Morrison (2010) aponta que neste contexto de entrevista, o propósito inicial é obter informações necessárias para planejar o tratamento. Para o autor, esta primeira etapa é conduzida de forma livre e o entrevistador interrompe o mínimo possível, apenas o necessário para nortear

a entrevista, caso esta tome um rumo “errado” – no sentido de fugir daquilo que se pretende conhecer. Após a etapa de entrevista livre, o profissional procura conhecer sobre a história do sintoma atual do cliente, explorando os problemas que o levaram ao atendimento, buscando, também, esclarecer sobre os sintomas e como eles têm afetado seu funcionamento e relacionamentos sociais, profissionais, familiares, entre outros. Também se procura saber quando o cliente percebeu o início do sintoma e como foi sua evolução. Em seguida, o entrevistador deve buscar conhecer os episódios anteriores que poderão auxiliar no diagnóstico e no prognóstico do cliente, bem como procurar conhecer sua história pessoal e social, utilizando, preferencialmente, perguntas abertas, para que possam ser respondidas de forma mais livre e ampla, usando perguntas fechadas apenas para esclarecer detalhes específicos. Além disso, o entrevistador deve utilizar uma linguagem que o cliente conheça, evitando utilizar termos técnicos.

Portanto, é possível perceber que a entrevista inicial refere-se a uma etapa que inicia diferentes tipos e abordagens psicoterápicas, assim como ocorre no processo de psicodiagnóstico. É possível perceber, ainda, que estas entrevistas, nas diferentes abordagens e áreas citadas, permitem conhecer o motivo da busca pelo atendimento, a história atual deste sujeito, eventos passados considerados importantes para a compreensão do caso, história pessoal e social, dados que, em conjunto, permitirão formular hipóteses, bem como planejar técnicas e estratégias a serem utilizadas. Além disso, considerar o contexto do cliente e utilizar uma linguagem acessível a ele é fundamental.

Especificamente sobre a coleta de dados da história de vida do paciente (anamnese), Cunha (2000) destaca que ela pressupõe uma reconstrução global de sua vida, visando conhecer como o problema atual se enquadra e ganha significação. Assim, a anamnese deve ser realizada de acordo com os objetivos do psicodiagnóstico e dependendo do cliente, bem como de sua idade. Segundo Carrasco e Potter (2005), as entrevistas de anamnese podem ser realizadas com o próprio cliente ou com pessoas que puderem trazer mais informações sobre sua história de vida. Essas autoras ressaltam que no psicodiagnóstico todas as entrevistas podem ser consideradas de anamnese, pois os dados referentes à história de vida do cliente são coletados desde a entrevista inicial até a entrevista de devolução. Além disso, destacam que as informações não devem restringir-se apenas ao processo evolutivo do cliente, é preciso contextualizá-lo em seu sistema familiar, bem como investigar para além deste sistema, por exemplo, considerando o contexto social, cultural e econômico em que ele está inserido.

Considerando, então, estes apontamentos sobre as características e os objetivos das entrevistas iniciais, tanto em processos de avaliação clínica quanto em psicoterapias de diferen-

tes orientações teóricas, reforça-se a relevância do presente estudo, uma vez que tais entrevistas possibilitam ao psicólogo obter informações sobre o cliente e sobre sua história de vida, bem como sobre os contextos nos quais está inserido. Estes elementos são centrais para a condução de um psicodiagnóstico, pois auxiliam o profissional no levantamento de hipóteses sobre a queixa apresentada, orientando-o na construção de uma bateria de técnicas e/ou testes, proporcionando uma avaliação precisa e, conseqüentemente, uma devolução condizente com as necessidades do solicitante e do cliente.

3 MÉTODO

Para que os objetivos propostos fossem alcançados, foi realizada uma pesquisa qualitativa, da qual participaram três psicólogos com experiência em psicodiagnóstico, que no momento da entrevista apresentavam uma média de 30 anos de formação acadêmica, e três psicólogos em formação, que estavam nos períodos finais do curso de graduação e que realizaram um psicodiagnóstico recentemente. A distinção entre os entrevistados teve a intenção de verificar se o papel atribuído às entrevistas iniciais é diferenciado entre psicólogos experientes e psicólogos ainda em formação.

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semidirigidas, a partir de um roteiro. Todos os entrevistados foram localizados através de uma rede de contatos da pesquisadora, que os contatou por telefone e/ou e-mail, agendando uma entrevista, em data e local definidos pelo entrevistado. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos e foram gravadas em material de áudio e transcritas na íntegra para posterior análise, com a devida autorização dos entrevistados. Os dados obtidos foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. (BARDIN, 1977).

A escolha pelos instrumentos utilizados deu-se devido à maior abertura que a entrevista semidirigida proporcionaria aos entrevistados. Dessa forma, um roteiro de entrevista foi montado para auxiliar na condução das entrevistas, permitindo conhecer melhor os entrevistados, e para que estes tivessem a liberdade de responder as perguntas. Assim, perguntas abertas foram feitas a todos os entrevistados. Por exemplo: “O que você entende como processo de psicodiagnóstico? Como este processo deve ser conduzido?” E ainda: “Para você, há alguma etapa do processo de psicodiagnóstico que pode ser identificada como fator-chave? Por quê?”. Além disso, a escolha por gravar as entrevistas na íntegra – com a devida autorização dos entrevistados – ocorreu com o intuito de nenhum dado importante para o presente estudo passar despercebido nas posteriores análises de conteúdo e discussão de resultados.

Os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa, bem como assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao longo da discussão dos resultados do presente estudo, os entrevistados serão referidos como Entrevistado 1, 2, 3, 4, 5, e 6, para que eles tivessem sua identidade preservada. Destaca-se que o projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CAAE 32319714.7.0000.5137).

A seguir, há dois quadros de caracterização dos entrevistados, separados em psicólogos formados e psicólogas em formação:

Quadro 1: Caracterização das psicólogas em formação

Entrevistadas	Sexo	Idade	Período do curso de Psicologia que cursava por ocasião da entrevista
Entrevistada 1	Feminino	21 anos	9º período
Entrevistada 2	Feminino	28 anos	9º período
Entrevistada 3	Feminino	22 anos	9º período

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2: Caracterização dos psicólogos formados

Entrevistados	Sexo	Idade	Ano de formação	Público atendido atualmente pelo profissional entrevistado
Entrevistado 4	Masculino	54 anos	1985	Adulto
Entrevistada 5	Feminino	54 anos	1981	Criança, adolescente e adulto
Entrevistada 6	Feminino	52 anos	1984	Adulto

Fonte: Dados da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise de conteúdo, com a leitura das entrevistas realizadas foi possível identificar três categorias finais de análise, que serão apresentadas e discutidas a seguir.

4.1 O processo de psicodiagnóstico

Através da primeira categoria de análise foi possível identificar como os entrevistados definem/conceituam o processo de psicodiagnóstico, qual seu papel e como o conduzem. De forma geral, e em consonância com os postulados de Cunha (2000), os entrevistados definiram o psicodiagnóstico como um processo científico, que apresenta propósitos clínicos e se utiliza de instrumentos como: observações, técnicas e testes psicológicos. Refere-se, ainda, a um processo de investigação e avaliação limitado no tempo – possui início, meio e fim – que se inicia através da demanda, ou seja, da queixa inicial do cliente, que pode ter procurado o

profissional espontaneamente ou ter sido encaminhado por terceiros. Tal definição pode ser conferida nas falas dos entrevistados 1 e 4:

O psicodiagnóstico é um tipo de avaliação psicológica que é realizado com propósitos clínicos. Eu entendo que o psicodiagnóstico é um processo de avaliação e investigação que busca compreender, entender o que o indivíduo está passando. Penso que é um processo científico porque ele utiliza técnicas psicológicas. Técnicas que são específicas do psicólogo. Dentre elas, a gente sabe que tem entrevistas, observações, testes psicológicos, e eu vejo que tudo isso contribui para um entendimento melhor do sujeito, daquilo que ele tem passado. (Entrevistada 1).

Quando o sujeito chega no consultório a gente vai verificar como é que esse sujeito está naquele momento. O que que demandou aquela vinda dele ali pra fazer aquela avaliação? Às vezes ele vem espontaneamente, às vezes ele vem indicado por outras pessoas. Pelo médico, às vezes vem pela escola, pela família, enfim, por várias fontes diferentes. (Entrevistado 4).

No que diz respeito ao papel do psicodiagnóstico, os entrevistados apontaram que a partir da queixa inicial do cliente é feito um levantamento de hipóteses, com o objetivo de responder a tal queixa. Para isso, através do processo de psicodiagnóstico são identificados os pontos fortes e os pontos fracos do cliente. E, ao final, o psicólogo deve fornecer um diagnóstico e um prognóstico a ele. A fala da entrevistada 3 explicita essa questão:

[...] O objetivo dele é tá identificando forças e fraquezas no funcionamento psíquico do indivíduo. Ou seja, vão ser identificadas as dificuldades e potencialidades desse sujeito. E tem uma ênfase, um foco maior na busca se existe ou não alguma doença, alguma psicopatologia e também na tentativa de resolver a queixa trazida. (Entrevistada 3).

Em relação à condução do processo de psicodiagnóstico, foi mencionado pelos entrevistados que este deve ser conduzido de maneira ética, cuidadosa, com muita cautela e através de escuta apurada. Além disso, foi destacada em suas verbalizações a importância do estudo, conhecimento aprofundado e experiência sobre o processo de psicodiagnóstico, por parte do profissional.

Eu acho assim, que ele deve ser conduzido de uma forma ética e cuidadosa por parte do profissional e que tem que ser respeitadas as etapas. Então, desde as entrevistas iniciais, até a aplicação de testes com a integração de dados e entrevista de devolução, creio que todas essas etapas têm que ser respeitadas, elas têm que ser feitas da melhor forma possível e o profissional tem que ter um estudo, saber sobre o psicodiagnóstico. Tem que ter uma experiência nessa área, tem que estudar, tem que saber dos testes psicológicos, tem que ter uma escuta aprimorada. (Entrevistada 1).

Ainda sobre o processo de psicodiagnóstico, foi destacado, tanto por uma entrevistada

que está em formação, quanto por uma entrevistada já formada, que ele não tem objetivo de tratamento, embora se trate de um processo interventivo, que pode trazer algumas mudanças para a pessoa, como pode ser observado na fala da entrevistada 6:

Então, ele tem o objetivo de você investigar mais a fundo aquilo que a pessoa traz como queixa, né? Então, ele não tem o objetivo de tratamento, embora ele seja interventivo e traz alguns ganhos pra pessoa, né? Mas eu considero que esses ganhos são tão efetivos a ponto de dispensar a pessoa às vezes de um processo de terapia. (Entrevistada 6).

Portanto, a fala apresentada anteriormente vai ao encontro da afirmativa de Carrasco e Potter (2005), de que quando bem realizado, o processo de psicodiagnóstico pode ser tão terapêutico e esclarecedor para o cliente, quanto o próprio processo psicoterápico. Por isso, o processo de psicodiagnóstico refere-se a um dos mais importantes diferenciais do trabalho do psicólogo em relação a outros profissionais.

4.2 As entrevistas iniciais no processo de psicodiagnóstico

No que diz respeito à organização das entrevistas iniciais, assim como às técnicas e estratégias utilizadas em sua condução, todos os entrevistados relataram utilizar a técnica de entrevista semidirigida. Dessa forma, tais relatos estão de acordo com o que citam Carrasco e Potter (2005). Tais autoras afirmam que o profissional deve optar pela realização de entrevistas semidirigidas devido ao fato do processo de psicodiagnóstico ser limitado no tempo. Sendo assim, o profissional deve manter uma escuta apurada e abordar os conteúdos de forma mais pontual, sem perder o foco de investigação que leva ao esclarecimento da origem da queixa trazida pelo cliente.

Vale destacar que para a condução das entrevistas iniciais, todas as entrevistadas que ainda estão em formação acadêmica mencionaram que utilizaram um roteiro/plano-guia, sendo que todas elas ressaltaram a importância do roteiro para sua orientação na condução das entrevistas iniciais, seguindo uma sequência lógica que as auxiliou na exploração da queixa e no entendimento do que estava se passando com o cliente naquele momento. Isso fica evidenciado na fala da entrevistada 3:

Eu usei o roteiro de entrevista e eu acho bacana porque ele organiza mesmo as entrevistas. Você tem áreas da vida da pessoa onde você vai investigando, onde você vai perguntando e organiza, apesar de não ser um roteiro que ele tem que ser seguido à risca, porque de acordo com o caso, às vezes você acrescenta uma pergunta a mais, ou outra, mas é uma entrevista semiestruturada mesmo que a gente utiliza. Mas o plano-guia, ele é importante pra gente poder se orientar na hora de conduzir as en-

trevistas e eu acho que até pro cliente também, porque na medida que você vai fazendo as perguntas ele vai lembrando de exemplos pra te dar. Então, eu acredito que esse plano-guia ele tem esse objetivo mesmo, pra tá organizando e ele sofre as alterações de acordo com o caso porque às vezes aparece alguma informação que a gente não tava contando que é importante e que às vezes não tá ali, mas que às vezes vai ser um “fator x” ali pra poder tá investigando mais o caso. (Entrevistada 3).

Conforme explicitado na fala da entrevistada 3, apesar da utilização de um roteiro que orienta na realização das entrevistas iniciais e permite que um plano de trabalho seja estabelecido, este não precisa ser seguido de forma rígida. Sendo assim, perguntas que não constam neste roteiro também podem ser incluídas na entrevista. Também por isso é que se faz uso da técnica de entrevista semidirigida, ou seja, há espaço para a inclusão do que for necessário, ao longo do encontro com o cliente.

Ainda no que diz respeito à organização das entrevistas iniciais, os entrevistados já formados mencionaram que utilizam um roteiro que já está internalizado, algo que já está estruturado internamente, mas que não é considerado propriamente como um roteiro ou “plano-guia”, conforme pode ser observado na verbalização abaixo:

Não. Eu trabalho muito com entrevistas semidirigidas. Eu acho que no processo do psicodiagnóstico de forma geral, ele é mais flexível, né? Então eu parto normalmente daquilo que o sujeito traz, conhecendo um pouco da vida do sujeito, da demanda, do sofrimento dele, e aí tentando depois então sim, preencher algumas lacunas desse discurso dele. Deixo ele falar livremente e aquilo que ele não tocou, aquilo que ficou meio nebuloso, aí sim eu tenho internamente um... algumas áreas que são importantes e que eu vou tá perguntando a ele, caso ele não tenha trazido neste primeiro momento. (Entrevistado 4).

Sendo assim, através das verbalizações dos entrevistados 4 e 5, profissionais experientes, é possível inferir que eles também fazem uso de um roteiro ou “plano-guia” na execução das entrevistas iniciais, mas um plano que já está internalizado, diferentemente dos entrevistados 1, 2 e 3, que ainda estão em formação.

A entrevistada 6 ressaltou que o processo de psicodiagnóstico pode ser realizado com pessoas de diferentes faixas etárias e que, em função disso, podem ser utilizadas técnicas distintas. Com crianças, a entrevistada mencionou a utilização de estratégias lúdicas e ressaltou que, nestes casos, a entrevista inicial ocorre em dois momentos: com os responsáveis pela criança, e com a própria criança.

[...] Quando a gente fala de entrevista inicial no processo com criança ela acontece em dois momentos. No momento em que você tá com os pais ou responsáveis e no momento com a criança. [...] Em se tratando de criança a gente tem que utilizar o processo da linguagem até o ponto em que a comunicação pela linguagem ela é possível. Até quando a criança tá dando retorno daquilo que tá sendo falado e conversa-

do. Então, a partir desse momento quando vamos dizer assim, a conversa não rende mais, a gente tem que então entrar com o lúdico, né? [...] Então eu acho que as técnicas com a criança é que vai exigir um pouco mais, né? No sentido de usar outros recursos e outros artifícios. (Entrevistada 6).

Além do uso do roteiro, em uma entrevista semidirigida, os entrevistados também salientaram o papel da postura do profissional, a importância do acolhimento, do estabelecimento do vínculo, da escuta, da coleta de informações e do *rappor*t inicial, para uma adequada condução do processo de avaliação clínica. Dessa forma, as verbalizações a seguir estão de acordo com a afirmação de Ocampo e Arzeno (2001), de que é fundamental que o psicólogo estabeleça um bom *rappor*t com o cliente para que as ansiedades e bloqueios sejam reduzidos e um clima favorável na condução do processo seja estabelecido. Além disso, conforme citado por Macedo e Carrasco (2005), quando estabelecida como uma situação de diálogo, a entrevista pode ser um meio privilegiado de acesso ao outro, visto que através da palavra criam-se as condições necessárias para que uma relação de ajuda seja constituída. Tais aspectos podem ser mais bem visualizados especialmente nas verbalizações dos entrevistados 3 e 4, que destacaram a importância do acolhimento, da empatia, da escuta por parte do profissional e do estabelecimento do vínculo terapêutico entre psicólogo e cliente. Este último, conforme apontado por Santiago (1984), indica ao profissional a forma com que o cliente sente o contato estabelecido com ele, pois assim como ocorre em toda relação humana, a relação entre psicólogo e cliente também implica reações e impactos emocionais.

Além do roteiro de entrevistas, eu não diria nem como estratégia assim, mas eu acho que é uma postura mesmo de trabalho. Eu acho importante que o psicólogo tenha empatia no atendimento, principalmente no começo, porque a gente vê que as pessoas elas chegam ali com uma demanda, com um sofrimento, e que muitas vezes já tentaram fazer várias coisas pra poder solucionar aquilo. Então assim, é... eu acho que uma postura de acolhimento é importante, é bacana. (Entrevistada 3).

[...] Normalmente eu faço um *rappor*t com ele no primeiro contato pra ele se ambientar ali no... lugar que tá. [...] Eu pego alguns dados de identificação dele que acho que são importantes e começo com uma coisa inicial, se é pra dar o início da entrevista é perguntar “o que que posso ajudá-lo?” Eu acho isso assim, é... fundamental! [...] eu tento me colocar o mais próximo desse sujeito, o mais à disposição dele e eu acho que essa é uma forma assim, bem simples e bem eficiente, né? (Entrevistado 4).

Na verbalização acima, do entrevistado 4, é possível perceber que ela também está de acordo com a afirmativa de Carrasco e Potter (2005), no sentido de que a entrevista não deve ser entendida como distante, fria ou apenas exploratória. Ou seja, o cliente deve se sentir atendido em sua demanda, ao mesmo tempo em que não pode se sentir invadido e o processo

de psicodiagnóstico não pode ser desviado de seus objetivos iniciais.

Em relação ao papel ou contribuição das entrevistas iniciais, todos os entrevistados de ambos os grupos relataram que estas são fundamentais, importantes e cruciais para a condução do processo de psicodiagnóstico, pois permitem conhecer o indivíduo, proporcionam o levantamento de hipóteses, auxiliam na escolha dos instrumentos a serem utilizados, permitem o esclarecimento de dúvidas em relação ao cliente e sua queixa e direcionam o processo de avaliação. Os entrevistados 1 e 4 – profissional em formação e experiente, respectivamente – relataram que sem as entrevistas iniciais, o processo de psicodiagnóstico seria realizado “às cegas”, ou seja, sem conhecer o indivíduo, tendo acesso apenas às informações obtidas através dos testes aplicados.

[...] Elas contribuem realmente, principalmente pro levantamento das hipóteses. Porque se não tiver as entrevistas pra gente levantar as hipóteses vai ser uma avaliação “às cegas” [...]. Então, as entrevistas iniciais auxiliam no levantamento de hipóteses que depois com os testes essas hipóteses vão ser confirmadas ou não. Mas sem as entrevistas isso não daria. Seria uma avaliação “às cegas”, a gente conheceria algumas características do sujeito, mas a gente não ia responder as nossas hipóteses, não ia compreender o que ele tem se passado. (Entrevistada 1).

A entrevista é a das técnicas a mais robusta no sentido de você ter essa visão, essa percepção do sujeito com a demanda dele, com sentimentos, como é que ele se comporta diante de algumas questões. Então até assim, o que que ele traz como assunto pra tratar naquele dia, como que ele reage a algumas perguntas do psicólogo, daquele que tá fazendo a avaliação dele. Então, tudo isso se a pessoa tem uma boa clínica isso vai fazer uma importância fundamental pra esse conhecimento, coisa que se você não faz essa entrevista, a gente acaba fazendo uma interpretação “às cegas”. (Entrevistado 4).

As entrevistas iniciais foram igualmente apontadas como sendo a base do processo de psicodiagnóstico, o momento em que este se inicia, o “norte” para sua condução, isto é, são as entrevistas iniciais que orientam a condução do processo de psicodiagnóstico, conforme pode ser verificado na verbalização da entrevistada 5. Este achado está em consonância com o que afirmam Carrasco e Potter (2005), que ressaltam que o contato inicial entre o psicólogo e o cliente, geralmente, é o que norteia o profissional quanto à escolha de testes e técnicas que serão utilizadas no processo.

Importantíssimas! Elas pra mim, elas são a base do meu processo diagnóstico. Então, é elas que vão direcionar inclusive a minha escolha de determinados testes ou não. Então, ela é importante pra eu saber por onde eu tenho que ir. (Entrevistada 5).

Sobre os objetivos principais das entrevistas iniciais, especificamente no processo de psicodiagnóstico, Arzeno (1995) destaca três: o conhecimento da queixa principal, isto é, do

motivo da busca pelo atendimento, conhecer a história de vida do cliente – anamnese – e estabelecer o contrato terapêutico, que se refere ao estabelecimento das condições de trabalho. Tais objetivos também foram mencionados pelas psicólogas em formação, como pode ser observado na verbalização de uma delas:

Eu penso que as entrevistas iniciais elas têm três objetivos principais, que são: realizar o contrato terapêutico; fazer uma exploração da queixa, ou seja, um levantamento do histórico do problema da pessoa; e também, realizar as entrevistas de anamnese que é levantamento do histórico de vida da pessoa. (Entrevistada 1).

Os entrevistados já formados apontaram de forma mais sucinta e com unanimidade que o objetivo principal das entrevistas iniciais é conhecer o cliente o mais profundamente possível, suas vivências, sua história de vida, possibilitando ao profissional o levantamento de hipóteses, para auxiliá-lo na condução do processo, bem como tem o objetivo de acolhimento e apresentação mútua.

Então, a entrevista inicial eu vejo como objetivo dela, primeiro de apresentação mútua, né, de você profissional e da pessoa que tá buscando a sua ajuda. Então, dentro desse objetivo da entrevista inicial eu acho que primeiro é de acolhimento. Então, acolher aquela demanda que é trazida, né? Ouvir a pessoa, escutar a pessoa naquilo que ela tá demandando. (Entrevistada 6).

Portanto, tanto as verbalizações dos entrevistados já formados, quanto das entrevistadas em formação, apontam que os objetivos principais das entrevistas iniciais são: estabelecer o contrato terapêutico, especificando as particularidades do processo de psicodiagnóstico, além de ser o momento de apresentação das partes – psicólogo e cliente – e de conhecer a queixa do indivíduo; conhecer sua história de vida – anamnese – orientando o levantamento de hipóteses e a escolha dos instrumentos a serem utilizados. Estes apontamentos estão em convergência com os postulados de Ocampo e Arzeno (2001), que afirmam que a entrevista inicial é importante para que o psicólogo conheça o cliente de forma exaustiva e possa coletar dados para a formulação de hipóteses, o planejamento de bateria de testes e para que possa interpretar com precisão os dados dos testes e organizar uma entrevista devolutiva adequada. Além disso, as verbalizações dos entrevistados de ambos os grupos – estudantes de psicologia e psicólogos experientes – estão de acordo com o que foi exposto por Cunha (2000), ou seja, o psicodiagnóstico visa conhecer, descrever, investigar e avaliar a queixa trazida pelo cliente, sendo que este também pode procurar o psicólogo por encaminhamento de outro profissional.

Ao serem indagados sobre alguma etapa que seja considerada como um fator-chave no processo de psicodiagnóstico, os entrevistados destacaram que todas as etapas são importantes

para a realização do processo, visto que uma etapa complementa a outra. Entretanto, as entrevistas iniciais foram apontadas por cinco dos seis entrevistados, como sendo o fator-chave do processo, pois é a partir destas que o profissional faz o levantamento das hipóteses, conhece o indivíduo, sua história de vida, o que o auxilia no aprofundamento de questões que talvez, em outras etapas, o profissional não teria tido acesso a elas, conforme pode ser melhor visualizado nas verbalizações a seguir:

As entrevistas iniciais eu vejo que elas são um fator-chave realmente, por questão do levantamento de hipóteses, que através delas a gente conhece o sujeito e para além do sujeito a gente conhece a sua rotina, a sua família, essa questão do cotidiano. Então eu penso que as entrevistas iniciais elas trazem essas questões. Elas ajudam a gente a aprofundar essas questões que talvez numa outra etapa isso não aconteceria. (Entrevistada 1).

Eu acho que as entrevistas iniciais são fatores-chaves, porque quando você faz a aliança com o sujeito, essa aliança terapêutica, essa aliança transferencial, é onde você sabe se o sujeito está ali com você de fato. [...] Eu diria que esses primeiros contatos eles são chave sim, porque você tem que criar essa base de confiança. Se não tem confiança o processo vai ficar prejudicado, comprometido. (Entrevistado 4).

Ainda em relação ao papel das entrevistas iniciais para o processo de psicodiagnóstico como um todo, os entrevistados 4 e 6, do grupo de psicólogos experientes, ressaltaram a importância da confiança estabelecida durante os contatos iniciais com o cliente, visto que, sem isso, o indivíduo não se sentirá acolhido e o processo ficará prejudicado, comprometido, conforme explicitado na verbalização anterior, do entrevistado 4.

Estes achados explicitam a importância e a função de cada etapa do processo de psicodiagnóstico e, especialmente, das entrevistas iniciais, momento em que são coletadas informações importantes sobre o cliente, faz-se o contrato, estabelece-se um vínculo com o sujeito avaliado e são levantadas as hipóteses, dentre outros aspectos. Além disso, parece pertinente destacar que conforme Gilliéron (1996), Souza (2005), Wainer e Piccoloto (2005) e Morrison (2010) – autores já explorados na revisão de literatura deste trabalho – as entrevistas iniciais são as responsáveis pelo “início” de processos e tratamentos em diferentes tipos e abordagens psicoterápicas, não sendo exclusivas do psicodiagnóstico. A entrevistada 2 aborda esta questão:

Como graduanda do curso de psicologia, eu percebo que a entrevista inicial tem um papel muito importante na psicologia como um todo, né? É... quando a gente vai trabalhar em outra abordagem a gente tem as entrevistas iniciais. (Entrevistada 2).

Portanto, nesta categoria de análise também foi possível perceber que os entrevistados experientes e as entrevistadas em formação não divergiram em suas posturas e práticas. Para explicar estes achados, considerando que as três participantes do grupo de psicólogas em formação são alunas do curso de psicologia de uma mesma faculdade, é possível pensar que o fato de este curso oferecer um percurso formativo sólido no campo da avaliação psicológica, através de disciplinas e estágios obrigatórios, pode ter contribuído para o resultado encontrado.

4.3 Psicodiagnóstico: atualidade e contribuições

Em relação ao processo de psicodiagnóstico na atualidade, houve divergências entre os entrevistados do grupo de psicólogos experientes. O processo foi apontado pelo entrevistado 4 como sem reconhecimento e com menos espaço no mercado, com poucos profissionais atuando nesta área atualmente. As entrevistadas 5 e 6, por outro lado, disseram que o psicodiagnóstico tem crescido, está ganhando campo e sendo mais reconhecido tanto dentro da própria psicologia, quanto em outras áreas do conhecimento. A entrevistada 5 ainda ressaltou que o psicodiagnóstico tem sido mais reconhecido entre médicos e outros profissionais, distanciando-se um pouco da postura descrente que havia quanto ao uso e valor dos testes psicológicos. Em sua experiência, esta psicóloga relata que trabalha com médicos que contam com o resultado da avaliação psicológica clínica para definição de diagnóstico.

As entrevistadas do grupo de psicólogas em formação destacaram que na atualidade o processo de psicodiagnóstico tem muito a contribuir para o entendimento, compreensão, avaliação e intervenção, em problemas de diferentes origens. Além disso, elas apontaram que o psicodiagnóstico contribui também para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, o que também foi apontado pelo grupo de psicólogos experientes. Outra contribuição apontada diz respeito ao fato do psicodiagnóstico ser um processo limitado no tempo, o que favorece sua execução, especialmente nos tempos de hoje, em que as pessoas têm pouco tempo disponível. Este dado fica ilustrado na fala da entrevistada 1:

Às vezes numa psicoterapia ou num outro tipo de atendimento psicológico a gente demoraria muito pra tá conhecendo o sujeito ou às vezes nem conheceria, dependendo, né? E com o psicodiagnóstico a gente tem informações de um modo mais rápido, mais preciso, mais pontual e também, a compreensão assim de modo geral eu acho que é mais válida num psicodiagnóstico que talvez em outro atendimento psicológico a gente não conseguiria. (Entrevistada 1).

Também nesta categoria de análise, o grupo dos entrevistados experientes mencionou

que há tempos atrás, a exigência quanto à experiência e formação teórica e técnica no campo da avaliação clínica era muito maior. Algumas instituições que ofereciam cursos de pós-graduação na área exigiam determinado grau de conhecimento em avaliação psicológica, além de listarem a experiência com psicodiagnóstico como pré-requisito para concorrer a uma vaga nos referidos cursos. O entrevistado 4 também destacou que havia mais disciplinas na área de avaliação psicológica nos cursos das faculdades e universidades, enquanto que atualmente, em muitas instituições há apenas uma disciplina da área ao longo de todo o curso. Assim, eles destacaram a falta de preparo dos profissionais de hoje para a atuação no campo da avaliação psicológica clínica, ou seja, no psicodiagnóstico, mencionando a pouca familiaridade com os testes e técnicas, e a dificuldade de condução do processo como um todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo geral deste trabalho, de identificar o papel da entrevista inicial no psicodiagnóstico, através dos dados coletados observou-se que esta etapa do processo permite conhecer a queixa inicial do indivíduo, assim como coletar dados de sua história de vida. Com estas informações, o psicólogo, ao fim das entrevistas iniciais, tem a tarefa de levantar hipóteses para responder a esta queixa inicial trazida pelo cliente. Percebeu-se, ainda, que a entrevista inicial tem como papel acolher o cliente, possibilitar uma apresentação mútua entre os envolvidos no processo, e estabelecer o vínculo e a confiança entre estes.

No que diz respeito à condução do processo de psicodiagnóstico, verificou-se que este é realizado através de diferentes etapas: entrevista inicial, aplicação da bateria de testes, integração de dados e entrevista devolutiva, todas importantes, pois elas se complementam e proporcionam uma visão contextual do cliente. Também ganhou destaque a ideia de que o psicodiagnóstico deve ser conduzido de maneira ética, cautelosa e cuidadosa por parte do profissional, que deve, ainda, ter uma escuta apurada, experiência e conhecimento aprofundado sobre o processo.

Em relação à organização das entrevistas iniciais, bem como às técnicas e estratégias utilizadas, foi apontado por todos os entrevistados a utilização de entrevistas semidirigidas devido ao tempo limitado do processo de psicodiagnóstico. Foi apontado o uso de um roteiro concreto pelo grupo de psicólogas em formação, enquanto que os psicólogos experientes destacaram que utilizam um roteiro “interno”. Os entrevistados de ambos os grupos enfatizaram que o uso do roteiro não é feito de uma forma rígida, mas sim com o objetivo de explorar a queixa inicial trazida pelo cliente, e para entender o que estava se passando com ele naquele

momento, tendo abertura para novas perguntas a serem acrescentadas.

No que se refere aos objetivos principais das entrevistas iniciais no processo de psicodiagnóstico, verificou-se que há três: explorar a queixa inicial trazida pelo cliente, conhecer sua história de vida – anamnese – e estabelecer o contrato. Sobre as diferentes etapas do processo de psicodiagnóstico, compreendeu-se que apesar dos entrevistados mencionarem a importância de todas elas, as entrevistas iniciais foram apontadas como fator-chave pela maioria deles – cinco dos seis entrevistados – uma vez que é através delas que o psicólogo aprofunda questões e obtém informações que talvez não seriam obtidas em outra etapa do processo. Os entrevistados mencionaram, ainda, que as entrevistas iniciais são a base do processo de psicodiagnóstico, pois elas norteiam sua condução, o que evidencia que os objetivos propostos neste estudo foram alcançados.

Vale destacar que, assim como em toda pesquisa, nesta também houve limitações. Pode-se citar a dificuldade de conseguir entrevistar profissionais experientes, devido a pouca disponibilidade de horários destes para a realização das entrevistas. Outra limitação encontrada refere-se ao fato de que todas as psicólogas em formação são estudantes da mesma universidade e, inclusive, do mesmo campus, o que pode ter influenciado os resultados encontrados.

Apesar de não ter sido um objetivo deste estudo, os resultados apontaram para a necessidade de uma melhor formação acadêmica, no que diz respeito à área de avaliação psicológica e, mais especificamente, do processo de psicodiagnóstico. Assim, é de extrema relevância que novos estudos relacionados à avaliação psicológica e ao psicodiagnóstico sejam conduzidos, visto que, conforme já exposto, esta área tem muito a contribuir e precisa de pesquisas atualizadas e uma formação mais articulada entre teoria e prática.

Desse modo, evidencia-se a contribuição do presente estudo, que tendo atingido aquilo a que se propôs, reforçou o papel das entrevistas iniciais para a adequada condução dos processos de avaliação clínica, o que é um dado relevante não apenas para esta área específica da psicologia, mas também para outros campos e contextos de atuação do psicólogo, em diferentes abordagens teóricas.

REFERÊNCIAS

ARZENO, María Esther García. **Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições**. Porto Alegre: Artmed, 1995. 251p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Ed. 70, 1977. 223p.

CARRASCO, Leanira Kesseli; POTTER, Juliana Rausch. **Psicodiagnóstico: recurso de com-**

preensão. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (Org.). **(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 181-191.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-V.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 678p.

GILLIÉRON, Edmond. **A primeira entrevista em psicoterapia.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli. In: A entrevista clínica: um espaço de intersubjetividade. MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (Org.). **(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 17-32.

MORRISON, James R. **Entrevista inicial: em saúde mental.** 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010. 304 p.

OCAMPO, M. L. S. de; ARZENO, M. E. G. A entrevista inicial. In: OCAMPO, M. L. S. de; ARZENO, M. E. G.; PICCOLO, E. G. De e cols. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas.** 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 15-46.

SANTIAGO, Mary Dolores Ewerton. Entrevistas clínicas. In: TRINCA, Walter. **Diagnóstico psicológico: a prática clínica.** São Paulo: EPU, 1984. XV, 106 p. (Temas básicos de psicologia; 11) p. 67-81.

SOUZA, Nadir Helena Sanchotene de. A família em terapia. In: A entrevista clínica: um espaço de intersubjetividade. MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (Org.). **(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 129-143.

WAINER, Ricardo; PICCOLOTO, Neri Maurício. Entrevista em psicoterapia cognitiva. In: A entrevista clínica: um espaço de intersubjetividade. MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (Org.). **(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 99-111.